

A têmpera da Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello

Jean Lauand¹

Resumo: Notas da conferência de abertura do XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educa o, evento em homenagem   Profa. Dra. Silvia M. Gasparian Colello.

Palavras Chave: Silvia Gasparian Colello. Faculdade de Educa o da USP.

Abstract: Notes of the opening lecture of the XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educa o, conference in homage to Professor Silvia M. Gasparian Colello.

Keywords: Silvia Gasparian Colello. Faculdade de Educa o da USP.

A Feusp de então

Por unanimidade, a homenageada do Cemoroc de 2018   Silvia M. Gasparian Colello, Livre Docente S nior da Faculdade de Educa o da Universidade de São Paulo. Neste evento também, ocorre sua nomea o oficial como Diretora Acad mica de nosso Centro.

Esse modesto reconhecimento que lhe prestamos d -se no início de uma nova fase de sua carreira na Feusp, agora como professora S nior. Outra coincidência   o aniversário redondo de seu ingresso na Feusp, em 1978, como aluna. Na Feusp faria, com brilhantismo, o mestrado, doutorado e, em 2015, a Livre Docência.

Nesta conferência (e no correspondente artigo) vou, como testemunha, ater-me mais às qualidades pessoais e   sua trajetória na Feusp, amparado no fato de que, recentemente, publicamos um artigo da própria autora, a insistentes pedidos do editor (<http://www.hottopos.com/isle25/123-130Silviag.pdf>), destacando o histórico de sua produa o anterior   sua nomea o como professora S nior da Faculdade.



A Faculdade de Educa o da USP, como tal,   muito recente: comea u a funcionar em 1970 (criada pelo Estatuto da USP de 15-12-1969). Eu ingressei no mestrado da Feusp em 1976; Silvia, como aluna da gradua o em 1978 e claro que,

¹. Professor Titular S nior da FEUSP. Professor do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Campos Salles. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

então – como é típico dos brasileiros e paulistas – nem reparávamos nas grandes mudanças que protagonizávamos na USP e na Feusp. Lembro que em 1997 e 1998, em viagens para a Europa, para fundar estas revistas do Cemoroc (já nascidas em parceria com universidades do Velho Mundo) perguntava aos colegas dessas instituições, se poderíamos pôr nas capas das revistas uma indicação de que se tratava de edições comemorativas dos 30 anos da Feusp e que a Direção estava empenhada em celebrar essa data. Alguns deles ficavam surpresos de que esses brasileiros comemorassem 30 (!) anos. Um professor de Friburgo (Alemanha), sorrindo, respondeu-me: “Sim, claro, mas nós estamos aqui desde 1457!” E ao visitar Coimbra (1290) e o Mosteiro de Mont Serrat (século XI), nem me passou pela cabeça mencionar os vinte e tantos anos de minha Feusp.

Em 1982, recém formada, Silvia começou seu mestrado no ainda incipiente curso de Pós Graduação da Faculdade, com a Profa. Dra. Maria da Penha Villalobos e, com a aposentadoria desta, passou a ter como orientadora a Profa. Dra. Maria de Lourdes Ramos da Silva. Nesse mesmo ano, passou de aluna a professora da Feusp (a mais jovem professora da história da Feusp)!

Evocar alguns aspectos da – então também extremamente jovem – Feusp ajudar-nos-ão a compreender a época do início da carreira de nossa homenageada.

Hoje seria impossível que alguém que não tenha ao menos doutorado, possa se candidatar a docente na Feusp, mas a maioria dos que ingressamos naquela época não tínhamos nem concluído o mestrado. Isso era natural: se nestes últimos anos temos na Feusp em média 600 alunos cursando mestrado e doutorado (e cerca de 120 docentes credenciados a orientar), os aprovados no exame escrito da Pós em 1975 éramos apenas 22 (quatro de nós viriam a ser logo contratados como professores). Sei do número exato porque até fomos honrados com a publicação de nossa aprovação pelo Estadão (28-02-1975).

Eram outros tempos, tempos de juventude, dos começos da Faculdade. E de vibrante ambiente acadêmico. Por mais acentuadas que fossem as vicissitudes políticas daqueles anos, em geral a Feusp abrigava uma convivência, na qual as divergências políticas pesavam menos do que “*las internas*”. “*Las internas*” é uma expressão que aprendi em conversas com colegas em um congresso em Buenos Aires; lá, eles dispõem dessa palavra específica para indicar as lutas e disputas intestinas (ao que parece, universais) que ocorrem dentro de um Departamento, Faculdade ou Universidade (acabei perguntando, quando ouvi que o prof. Fulano tinha ido parar no hospital por causa de “*las internas*” e me explicaram, rindo, que não se tratava de fetiche por enfermeiras...). E conviviam, por exemplo em nosso Departamento (o EDF, Filosofia e Ciências da Educação), grandes intelectuais de orientações ideológicas antagônicas como Roque Spencer Maciel de Barros ou Nicolas Boer (para citar dois dos nomes do grupo mais ligado ao Estadão) e José Mário Pires Azanha ou Celso de Rui Beisiegel.

Muitos de nossos professores eram formais (até no modo de vestir: por exemplo, para os quatro citados acima, terno e gravata era o traje cotidiano obrigatório). Lembro-me que Nicolas Boer, meu orientador de doutorado, apesar de ser um querido amigo, quando queria se comunicar comigo, valia-se sempre da Secretária da Pós (só quando obtive o título de doutor, ele passou a telefonar-me diretamente...).

As arguições em bancas eram, por vezes, muito duras: não estava estabelecido o padrão suave e até carinhoso que predomina hoje. Lembro-me de que na minha banca de Livre Docência, um dos professores (embora fosse muito meu amigo) começou a arguir (uma arguição duríssima!), dizendo que estranhava que o colega que

o precedera tivesse feito elogios: que banca era para julgar e, sempre que necessário, para reprovar!

Nos velhos tempos, a USP era muito mais respeitada. Com a aposentadoria do grande medievalista Ruy Afonso da Costa Nunes, tive que sucedê-lo na cadeira História da Educação na Idade Média e vim a saber que a preciosa coleção da Patrologia do Migne (centenas de volumes *in folio* de textos dos Padres Gregos e Latinos) tinha sido comprada, se não me engano em 1962, para o acervo da Biblioteca (então ainda Departamento de Educação da FFCLUSP) de uma só vez e fora do orçamento da Faculdade. Ruy Nunes soubera da oportunidade de adquirir a coleção em uma livraria europeia e, com um mínimo de procedimentos burocráticos, o governo autorizou toda a verba. Aquilo que, na época, se resolveu com um par de telefonemas, hoje requereria todo o orçamento da Biblioteca por décadas e nem haveria interesse, pois não há mais uma cadeira de Medieval, nem tantos cultores do grego e do latim... Não tenho dúvida de que a decadência da universidade caminha *pari passu* com a crescente burocracia imposta pelos governos externos e, por vezes, pelo interno: o insaciável afã de controle, de avaliações, de reuniões, papelada etc. para não falar da agenda oculta de dominação pelo pesado mecanismo que gera montanhas de exigências para que todos estejam vulneráveis e, portanto, sujeitos, em última instância, à arbitrariedade dos que controlam o sistema, a “máquina”!

Eram outros tempos de relacionamento: era muito fácil, por exemplo, obter carona na Cidade Universitária, com o clássico gesto do polegar. E eu lembrava-me jocosamente da sentença de Santo Tomás de Aquino de que em uma comunidade de pessoas virtuosas, não seria necessária a punição da lei: nunca, em décadas, soube de uma única multa de trânsito aplicada no campus!

O currículo da Feusp naquela época era muito diferente: continha requintes como um semestre inteiro, com 4h/semana, para História da Educação na Antiguidade; outro, só para Medieval; outro, só para Renascimento etc.; continha uma carga intensa de psicologia e sociologia e quatro semestres para Filosofia da Educação! Um currículo voltado para a efetiva constituição do educador: uma formação mais voltada para a complexidade da cultura educacional do que propriamente para a aquisição de um *know how* técnico de professor.

Para mim, não foi totalmente teórica e abstrata a redação de minha tese de doutoramento sobre “O que é uma verdadeira universidade”, no pensamento do filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper. Pieper que propõe que a universidade deve estabelecer a conexão global de uma realidade qualquer com o todo do real (segundo a própria etimologia de *universitas*); instituição que realiza precisamente isso que é, por definição, o próprio espírito humano. Era a vivência (em contados casos) de aulas com alguns professores de notável erudição (especialmente em nosso Departamento) e que, além disso, bem sabiam estabelecer essas conexões em aulas riquíssimas e deliciosas. Meu orientador de doutorado, por exemplo, o já mencionado Dr. Nicolas Boer, era editorialista de Política Internacional e de Religião do Estadão. Em suas aulas de Sociologia para o doutorado, discutindo um editorial seu sobre Igreja no Brasil, em meio a vertiginosas, geniais e inesperadas associações (como por exemplo entre o Imperador Justiniano, a *Nomenklatura* soviética, a *Ersatzreligion* de Jaspers e o *Récit sur l'Antéchrist* de Soloviev) eram permeadas de sutis trocadilhos em latim ou alemão, sem se dar muito ao trabalho de explicar detalhes. Ele não estava preocupado em “cumprir o programa” ou transmitir informações arrumadinhas; o que tínhamos (os poucos alunos que haviam escolhido cursar aquela disciplina) era um espetáculo de inteligência e de espírito universitário: aquela *Offenheit für das Ganze*, a abertura para a totalidade, de que tratei em meu doutorado. Certamente ele preparava as aulas mas, na hora, seguia mesmo era o fluxo de pensamento do momento, pedindo,

por vezes, ajuda à classe: “- Como se chama aquele russo?” “- !?!” “O russo do *Récit*?” Quando alguém acabava respondendo (no caso: Soloviev) ele sorria, realizado, ao dar-se conta de que havia pelo menos um aproveitando 100%.

Mais do que tais e tais conteúdos, aprendíamos a pensar, a tal *Offenheit*. E é por isso que, há pouco, lembrei-me tão facilmente – mais de trinta anos depois – de uma torrente de associações em uma aula do Boer; embora de outras disciplinas que cursei e de seus professores nem lembre o nome... Por isso, ao indicar matrícula para meus orientandos, sempre que possível tenho seguido este critério: o assunto é secundário, curse disciplinas com um (autêntico) professor universitário, mesmo que (digo jocosamente) ele esteja dando um curso sobre Empadinhas. Como se faz a massa, o tempo e a temperatura do forno é assunto para colegial (como diria o mesmo Boer); em um curso universitário o que se vai discutir é se a azeitona é natureza ou cultura (ou talvez a dialética natureza-trabalho...).

Tudo isto, infelizmente, está a anos luz das “aulinhas *power point*” que infestam tantas (pseudo) universidades de hoje! (nada contra o *power point* em si, eu mesmo o uso por vezes, quando conveniente; o problema está nas aulinhas...)

Outro luxo da época em que ingressei como mestrando, eram os gabinetes dos professores, no antigo prédio, projetado para alojamento de bolsistas do CRPE (Centro Regional de Pesquisas Educacionais) e que dispunham do espaço completo de uma ampla suíte. Ainda hoje, continuam servindo, em lugares determinados da Feusp, algumas mesas e cadeiras daquele antigo prédio.



O antigo prédio - <http://www2.fe.usp.br/estrutura/cme/curiosidades.html>

Nem se sonhava com computador; nosso material didático era feito com base no estêncil a álcool ou, nos casos mais sofisticados, no mimeógrafo a tinta e, depois, nas precárias fotocópias, precursoras das atuais xerox. Meu primeiro livro, *Educação, Teatro e Matemática Medievais* (Perspectiva-Edusp), de 1986, foi impresso com as placas de chumbo do Gutemberg. Na segunda edição desse livro, pude contar com um valioso capítulo de Sílvia, com quem, por razões que explicarei no próximo tópico, dividia esse curso.

As nossas teses eram escritas com máquina de escrever – as máquinas elétricas eram um luxo recente – e as ilustrações eram aplicadas com tesoura e durex! Anos mais tarde, lembro-me que a dissertação de mestrado da Sílvia foi um dos primeiros trabalhos com impressão a laser a dar entrada na biblioteca da FEUSP, uma inovação para a época!

Por outro lado, já naquele tempo, escrevíamos muito para jornais. Como disse, havia na FEUSP alguns professores ligados ao Estadão e, incentivado pelo Prof. Dr. Roque Spencer Maciel de Barros, desde o começo do mestrado, publiquei diversos artigos no “Suplemento Cultura” do Estadão e, depois, no Jornal da Tarde (então um jornal importante do grupo Estado) e no “Caderno de Sábado” do JT. Lamentavelmente, como reflexo do distanciamento entre a universidade e a população, trabalhos jornalísticos, que tanto favoreciam a formação de opinião pública e a prestação de esclarecimentos, deixaram de ser valorizados. Por isso, hoje, o pesquisador, muitas vezes, se vê condenado a dialogar apenas com seus pares pela via de artigos técnicos e revistas científicas.

A parceria com Silvia Gasparian Colello

Em meu primeiro ano como docente da Feusp (1981), fui encarregado de lecionar Filosofia da Educação para o 4º. ano de Pedagogia. Aquela era uma classe de elevado nível intelectual e humano e, pela seriedade e inteligência, destacava-se a aluna Silvia Gasparian.

No Departamento, desde o começo, sempre gozei de ilimitada liberdade. O acolhimento e a sintonia com a turma permitia certas “heterodoxias”. Lembro-me de que dediquei boa parte do curso à comparação entre Platão e Paulinho da Viola (uma associação presente em minhas pesquisas até hoje) e de que, em uma aula, indiquei às alunas que comprassem o JT do sábado seguinte, pois nele estaria a base para nosso próximo seminário: um longo artigo do professor sobre o tema (cf. <http://www.hottopos.com/geral/naftalina/poet.htm>). Naturalmente, Paulinho da Viola comparecia nas aulas em discos de vinil, solicitando um toca discos para o setor de Áudio Visual...

Em outra ocasião memorável, levei para nossa sala de aula um “laboratório” de poesia: o incomparável poeta popular José Gilberto Gaspar, que durante horas tocou-nos profundamente com suas canções, poesias e “causos” do interior de Minas. Trinta e cinco anos depois, o poeta viria a encantar o país inteiro no *X-Factor Brasil* 2016 da TV Bandeirantes.



José Gilberto Gaspar (ao violão) na Feusp:
I Seminário Internacional Cemoroc (2001)

O impacto dessa liberdade acadêmica logo se fez sentir pelo avanço dos alunos que, não apenas aprendiam a discutir, argumentar, defender pontos de vista e assumir posturas críticas, como também, a se aproximar do universo estético-literário: a arte e a beleza como ingredientes fundamentais na formação dos futuros educadores!

Para um professor iniciante, foi extremamente importante ser distinguido, ao final daquele ano, na cerimônia de formatura, com uma dupla homenagem: Paraninfo e Professor Homenageado da turma.

Penso que um dos melhores serviços que prestei à Feusp foi ter insistido com minha aluna Silvia, no final do ano letivo de 1981, para que ela concorresse ao mestrado, o que, no caso dela, seria um primeiro passo para uma provável contratação como docente.

E de fato, pela sua notável maturidade, humana e intelectual, já no ano seguinte, ingressou no Mestrado e foi contratada como Professora da Feusp, dando início a uma bela carreira de 35 anos. Nosso departamento, o EDF, Filosofia e Ciências da Educação, desde seu ingresso, confiou a ela – confiabilidade é uma marca registrada de Silvia Colello! – árduas tarefas para uma iniciante.

Embora desde o começo ela estivesse ciente de seus interesses acadêmicos – ligados a alfabetização e letramento – e da necessidade de focar neles, naqueles primeiros tempos éramos obrigados a atender a variadas exigências do Departamento e Silvia passou seus primeiros anos docentes colaborando com professores mais experientes e teve que lecionar: Métodos e Técnicas de Pesquisa Pedagógica, Filosofia da Educação I, II e IV; História da Educação Medieval (depois Medieval e Renascentista), Orientação Educacional etc.

Se isso era dispersivo, por outro lado, trouxe-lhe o benefício de obrigá-la a ampliar suas leituras e formação para áreas, como Lógica formal ou “Espelhos” medievais, que nada tinham que ver com seus interesses próprios. Sílvia superava a insegurança da situação que lhe era imposta com sua arma principal: trabalho, trabalho sério e árduo, oculto sob o bom humor, a serenidade e a leveza do trato; sem se queixar, como se se tratasse da coisa mais natural do mundo.

Essa situação problemática foi levada ao extremo no 2º. semestre de 1984, quando os alunos de Filosofia da Educação II – disciplina na qual Silvia estava como assistente de um professor, particularmente intragável para os alunos. O caso foi tão sério que os alunos da noite fizeram uma greve de praticamente todo o semestre e acabariam reprovados em massa, pelo professor (um dos do grupo do Estadão). Essa greve foi objeto até de um artigo do importante jornalista Mauro Chaves “Terrorismo incultural da ditadura discente”, na p.2 de O Estado de S. Paulo de 15-11-1984, que refletia, do ponto de vista do articulista, o clima da Feusp durante esse caso:

“[os jovens são levados a] reagir sistematicamente contra tudo o que lhes parece imposto, por não ter passado pelo crivo de sua escolha, opção ou “eleição”. [...] Ocorre que até alunos do primeiro ano de nossas faculdades pretendem impor a seus professores programações de matérias em relação às quais, obviamente, são absolutamente ignaros. [Os professores sérios que não se acovardam] sofrerão amargamente os efeitos do terrorismo incultural da ditadura discente: serão pressionados pelas greves, pelas ‘exigências’ de seu afastamento, por meio de manifestos, de cartas abertas, cartazes espalhados por toda a escola, e até matérias publicadas nos jornais, por iniciativa dos alunos. É isto o que ocorre, por exemplo, com o professor F. na Faculdade de Educação da USP, onde ministra a disciplina “Filosofia da Educação”. Os alunos do primeiro ano noturno, de seu curso, já estão em greve há cerca de oitenta dias, exigindo seu afastamento. [...] Em sua campanha para afastar F., os grevistas têm tido toda a liberdade de encher a faculdade de cartazes; têm tido a liberdade de invadir aulas de outros professores,

obrigando-os a optar, por escrito, quanto ao afastamento ou não do professor de Filosofia da Educação... Etc. etc.

E no meio desse furacão, a recém ingressada Profa. Silvia Colello, que soube manter uma absoluta integridade ética e profissional nessa crise e até exerceu informalmente o papel de mediadora entre as partes.

O professor F. estrategicamente se aposentou em seguida, deixando uma notável dor de cabeça para o novo chefe do Departamento, o saudoso Prof. Dr. Celso de Rui Beisiegel. Para colaborar com a nova chefia, aceitei encarregar-me (simultaneamente!) dos dois enormes problemas: 1) a disciplina do professor F., que teve o dobro de alunos, todos muito “motivados” pela reprovação em massa (as aulas tiveram que ser dadas no Auditório da Escola de Aplicação, para comportar a multidão) e 2) assumir, pela aposentadoria do Prof. Dr. Ruy Nunes, a disciplina História da Educação Medieval (o EDF não dispunha de nenhum medievalista).

Nesta última, pude contar com a colaboração da Silvia como assistente. E lá vai a Silvia estudar Idade Média, para ajudar o novo professor encarregado... Como naqueles tempos não havia (quase) nada traduzido de textos de autores da educação da época, já no ano seguinte (1986) pude lançar meu primeiro livro: *Educação, Teatro e Matemática Medievais* – estudos introdutórios, tradução e notas, publicado pela Perspectiva em coedição com a Edusp. Alguns anos depois, a segunda edição veio enriquecida com um capítulo da Silvia: o “Manual para a educação de meu filho” de Dhuoda (século IX).



JL e Silvia Colello: uma parceria selada pela cooperação, respeito e amizade

Nosso curso de Medieval tinha também suas aventuras: todos os anos, Silvia e eu levávamos os alunos ao Mosteiro de São Bento, para uma aula com o monge Dr. Dom João Mehlmann.

Dom João, protótipo do sábio beneditino, era de longe o maior conhecedor da história e dos autores medievais (frequentemente convocado para bancas de teses na USP). Em todos os semestres, até seu falecimento, tendo em conta o fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os 120 alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco

antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem, dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente a figura do monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas da atualidade. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso!”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora... Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a se aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena perder tempo...”.

Nem é necessário destacar a requintada elegância e distinção com que Silvia recebia e cativava nossos convidados (até um monge meio ermitão como Dom João, uma vez comentou comigo sobre a educação, a classe e a cultura dessa minha colega e até deixou escapar, naquele seu realismo sem nenhuma malícia: “E é também muito bonita!”). (Desculpe, Silvia, de só agora contar isso para você!)

São pequenos detalhes, mas dignos de registro nesses tempos em que o relacionamento universitário, por vezes, tende mais para a vulgarização.

A têmpera de Silvia Gasparian Colello

“Normalidade”, não significa necessariamente qualidade comum ou corrente. Normal, no sentido que vou empregar aqui, é aquilo que é correto, saudável, bom... No exemplo do Houaiss, uma criança normal é “uma criança sem defeitos ou problemas físicos ou mentais” e uma boca *normal* tem todos os dentes sadios, embora seja absolutamente *comum* ter um par de cáries, dentes quebrados etc.

Assim, uma das principais qualidades de nossa homenageada é a *normalidade*, no sentido de ser uma pessoa ética, agradável, serena, bem humorada (e até divertida) com quem se pode contar, sem esquisitices; o que os jovens de hoje – um tanto maniqueisticamente – designam por “do bem”.

Entendamo-nos bem: sua inteligência, cultura, produção e competência, são muito acima do normal, mas nunca – nessas décadas de convívio – ninguém na Feusp presenciou um destempero, uma extravagância, um atropelo de colega, uma queixa de aluno etc. Começar a carreira e aposentar-se na universidade, tendo o respeito absoluto de todos, sem nunca ter se envolvido em “*las internas*” e isso sem abdicar de suas convicções – é a esta *normalidade* (qualidade rara em nosso meio acadêmico) que me refiro.

Essa incomum *normalidade* brota com tanta naturalidade que se corre o risco de tomá-la por qualidade secundária, que se dá *por supuesto*, *taken for granted* nos poucos que a têm e, talvez, nem se percebe sua importância. A presença sempre serena de Silvia, sua discreta solicitude muito contribuiu para a melhora da convivência no Departamento e na Faculdade.

Sou testemunha autorizada: durante muitos anos (até minha aposentadoria, em 2009) compartilhamos o gabinete 218 do bloco A da Feusp, para mim um enriquecimento acadêmico e humano inestimável. No clima muitas vezes frio da universidade, nossa sala era como um pequeno oásis, pois lá havia não apenas o árduo

trabalho (o planejamento de aulas, a correção de trabalhos...), como também a acolhida calorosa aos alunos e orientandos, a conversa jogada fora, o refresco nos dias de calor, o biscoito partilhado na hora da fome. Aí pude continuamente comprovar que o convívio com Silvia Colello melhora o ambiente de trabalho, ajuda e estimula os colegas e alunos, ancorados pela seriedade acadêmica unida ao bom humor e à disponibilidade para ajudar e fazer crescer: naquele sentido de *educere*, fazer com que cada um extraia de si o melhor.

Nunca agradecerei suficientemente aqueles anos de convívio: de podermos expor, confiadamente, projetos, conquistas que eram saboreadas pelo outro; a paciência com que permitia que eu fumasse no Gabinete (naquele tempo podia-se fumar até em sala de aula) etc.. Das conversas descontraídas, corriqueiras e divertidas, por vezes brotavam inesperadamente poderosas ajudas acadêmicas: como aquela em que, a partir do gosto comum por Tintin e Asterix, acabei me apropriando, para uso em sala de aula, do exemplar de “O combate dos chefes” de Asterix, que pertencia à Silvia (na verdade, ainda preciso devolver...).

Depois de participar de sua banca de mestrado, doutorado e concurso de ingresso à carreira docente (efetivação), pude também fazer a arguição de sua Livre Docência. Nessa oportunidade, refletindo sobre a personalidade acadêmica da candidata, não encontrei melhor caracterização do que falar da *têmpera* de Silvia, naquele sentido original de *temperare*.

Temperar – do latim *temperare* – é formar um todo harmônico com elementos diversos. A alface, o tomate, a cenoura estão ali meio insossos; ao ajuntar o azeite, o sal etc. obtém-se um todo harmônico. O ferro unido ao carbono, na proporção certa, dá o aço temperado; a confluência de fatores de personalidade dá o temperamento (é etimologicamente incorreto dizer que uma pessoa agressiva ou destrambelhada é temperamental; ela pratica, isso sim, um *destempero* verbal ou fático).

Essa *têmpera* é muito nítida em Silvia Colello: seriedade, mas com a devida flexibilidade e transbordante bom senso; rigor acadêmico em comunicação amigável; profundidade teórica e pés no chão; formação clássica e atualização (ela é até inovadora) nas modernas tecnologias; a difícil combinação abstrato-concreto, que é o segredo do ensinar; etc. Uma profissional brilhante, cuja modéstia só faz, ao longo dos anos e décadas, se acentuar!

As diversas qualidades dessa *têmpera* vão se manifestando em todas as instâncias acadêmicas, sempre em nível de excelência: pesquisas, aulas, orientação de mestrados e doutorados, os mais diversos serviços à Feusp, a constante requisição de seus critérios pela imprensa, o compromisso e a dedicação para com as escolas públicas, a presença nas diversas mídias etc.



Em seu último trabalho – uma adaptação da tese de Livre-docência – pude compartilhar com a Silvia mais essa conquista, registrando todas essas impressões no prefácio do livro *Produção Textual*.



Aproveito esta ocasião para, publicamente, expressar também meus agradecimentos por toda a inestimável colaboração que, desde o início – já se lá vão vinte anos – Silvia Colello tem prestado às revistas internacionais do nosso Cemoroc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do EDF-Feusp, que fundei e dirijo, bem como aos eventos que o Centro promove.

Nossas revistas foram fundadas em 1997/8 e, desde o começo até hoje, temos tido o privilégio de ter podido contar com uma vintena de artigos de autoria de Silvia, em todas essas revistas, além de seu trabalho de *editor* em diversos números. Na edição comemorativa dos vinte anos de nossa editora, os principais autores foram convocados a revisitarem sua produção no Cemoroc e o fecundo trabalho de Silvia está resenhado em <http://www.hottopos.com/isle25/123-130Silviag.pdf>.

Muito obrigado.

Recebido para publicação em 11-12-17; aceito em 18-02-18